



Mais Concorrência à Vista

Carine Ferreira

A Colômbia, este grande *player* no mercado internacional de café e grande concorrente do Brasil no que se refere à exportação de café arábica, registrou patamar recorde de produção no período de dezembro de 2014 a novembro de 2015: 13,8 milhões de sacas de 60 quilos, 13% a mais que no intervalo anterior (12,2 milhões de sacas). Nos últimos 12 meses, as exportações do país também cresceram 15%, na mesma comparação, e superaram os 12,5 milhões de sacas. Os dados são da Federação Nacional dos Cafeicultores (FNC). Porém, a entidade afirma que os atuais níveis de preços da *commodity* representam um desafio para os produtores devido aos maiores custos de produção, reflexo do aumento dos preços da mão de obra e dos fertilizantes.

O dirigente máximo dos produtores de café da Colômbia,

Roberto Vélez Vallejo, gerente geral da FNC, conversou com a Revista do Café em dezembro. Vallejo afirma que uma das metas da Colômbia é aumentar a produtividade e chegar a uma produção de 16 milhões de sacas. E um dos pleitos de sua gestão é a proposta de estabilização dos preços globais do café. “É impossível ter a verdadeira sustentabilidade quando os produtores não estão ganhando dinheiro”, diz. Ele quer abrir um diálogo com a indústria para criar um entendimento.

No cargo de gerente geral da federação desde agosto de 2015, o economista Roberto Vélez Vallejo já havia ocupado vários cargos relevantes dentro da FNC durante duas décadas, como Chefe da Divisão de Comercialização, Subdiretor Comercial, Diretor da Federação para Ásia, entre outros. Vallejo também atuou como Embaixador

da Colômbia na Malásia, nos Emirados Árabes Unidos e no Japão. Acompanhe a entrevista:

REVISTA DO CAFÉ: A produção de café aumentou na Colômbia em 2015, acima do esperado. O que motivou esta alta?

ROBERTO VÉLEZ VALLEJO: A produção durante 2015 ficou próxima de 14 milhões de sacas, acima do previsto no início do ano e acima de 2014. Isso foi em grande parte em função do fenômeno climático *El Niño*, que faz com que os cafeeiros cresçam mais do que o normal. Segundo, em função do programa de renovação da federação que foi feito nos últimos cinco anos, representando 500 mil hectares de café que estão produzindo agora. Então, a produção cresceu de 7,5 milhões de sacas seis anos atrás para 14 milhões no fim de 2015.

RC: A Colômbia também implementa um programa para aumentar a produtividade. Quais são as metas?

RVV: Tem havido um crescimento na produtividade na Colômbia nos últimos seis anos, de 11 sacas por hectare para 17 sacas por hectare. Mas este número é muito baixo comparado com outros países como o Brasil, que faz por volta de 30 sacas, e o Vietnã, 40 sacas por hectare, ou até em relação às plantações na Colômbia que são muito produtivas, de 25 a 30 sacas [por hectare]. Nós acreditamos que ainda temos muito por melhorar, principalmente entre os pequenos agricultores. Para tentar incrementar a produtividade, você coloca mais plantas por hectare ou planta novas árvores que vão dar mais frutos na mesma área. Isso é o que temos em mente. Uma das nossas metas é aumentar a produtividade. Inicialmente, nosso objetivo é aumentar o nível para 22 sacas por hectare. Mesmo assim, é muito tímido em relação ao que uma plantação boa pode produzir, que é de 30 a 40 sacas por hectare.

RC: O que representam os pequenos produtores na produção de café da Colômbia?

RVV: Mais de 90% da nossa produção é feita por pequenos agricultores, que têm menos de cinco hectares [de área].

RC: Quando esperam atingir essa meta de aumentar a produtividade média para 22 sacas por hectare?

RVV: Risos. É a meta que queremos alcançar, mas para isso precisamos trabalhar arduamente por, pelo menos, durante dois ou três anos seguidos. Estamos tentando fazer os ajustes tecnológicos em termos de número de cafeeiros por hectare, ou novas árvores cultivadas que permitirão atingir esses níveis como média do país. Mas isso novamente é só uma estimativa da nossa parte.

RC: A Colômbia também iniciou um programa para ajudar na fertilização dos cafezais?

RVV: Este é um programa para ajudar os produtores porque, como sabe, vamos enfrentar o fenômeno *El Niño*. O *El Niño* vai aparecer mais ou menos no fim de dezembro [2015] e início de janeiro. Este período seco, calculamos que vai até março a maio. E estamos ajudando nossos produtores a fertilizar antes de o fenômeno começar, quando o solo ainda está úmido, com alguma chuva ainda, para as plantas absorverem os nutrientes que vêm da fertilização. Nós estamos ajudando e tentando subsidiar uma pequena parte dos fertilizantes usados nas fazendas. Mas também convidamos os produtores a utilizar seu próprio dinheiro na adubação dos cafeeiros antes de o *El Niño* começar. Assim, as plantas estarão mais fortes para suportar os períodos sem chuva.

RC: De onde vêm os recursos para este programa e qual o montante que vai ser usado?

RVV: Nós colocamos dinheiro da nossa parte (federação), e outra vem do Ministério da Agricultura. Deve ser em torno de US\$ 10 milhões a US\$ 15 milhões.

RC: Quando começou este programa?

RVV: É recente, começou agora. Apenas para ajudar os produtores a enfrentar o *El Niño*. Vamos começar até o início de janeiro.

RC: Que outros trabalhos a federação vem fazendo?

RVV: A federação tem representantes na maior parte dos Estados produtores de café, cerca de 15. Esses comitês suportam os produtores. Nós providenciamos serviços públicos, pesquisa e desenvolvimento. E promoção do café colombiano. E também ajudamos governos locais a fazer alguns serviços públicos, como estradas, aque-

dutores, sistemas de esgoto nas áreas produtoras de café. E nós damos aos produtores o que chamamos de uma garantia de suporte de compra. Nós temos mais de 500 pontos de compra na Colômbia e os produtores têm a oportunidade, a chance de vender o café. E os preços são melhores do que os dos compradores privados. Estes pontos de compra estão sempre abertos. Nós pagamos à vista, pagamos o melhor preço possível que o mercado dá para os produtores. Esses são os principais serviços que a federação providencia.

RC: De onde vêm esses recursos?

RVV: A origem desses recursos vem dos impostos sobre as exportações do café. Para cada libra de café exportado na Colômbia, seis centavos [de dólar] vão para o fundo do café. Este fundo está nas mãos do governo e é remanejado pela federação. A federação decide o que fazer com esse dinheiro para ajudar os cafeicultores.

RC: Quais são as pesquisas que estão sendo conduzidas na Colômbia sobre o café?

RVV: Principalmente, pesquisa-se variedades de café resistentes a pragas, como a ferrugem. E todas as pesquisas querem levar aos produtores plantas mais competitivas e resistentes a doenças. Este é o principal foco da nossa pesquisa. Mas também focamos na análise de solo e da fertilização, e das ervas daninhas, água e outros campos. Mas a principal pesquisa está nas novas variedades.

RC: Como está a resistência à ferrugem nas lavouras de café da Colômbia?

RVV: Agora, 70% dos cafeeiros da Colômbia são resistentes à ferrugem, que vêm da pesquisa da federação.

RC: Também há pesquisas para encontrar novas variedades com aromas e sabores diferenciados?



RVV: Nós também fazemos pesquisa sobre a qualidade do café. Estamos procurando novas identidades no lado da qualidade. Atenção é prestada não só à planta em si, mas também ao fruto que é produzido, tamanho e qualidade.

RC: Já foi mencionado o programa de renovação dos cafezais no país, mas há perspectiva de aumento de área?

RVV: Por enquanto, queremos manter a mesma área. Nosso propósito não é aumentar a área de café, mas sim aumentar a produção.

RC: Qual é hoje a área cultivada com café?

RVV: Atualmente, é de 950 mil hectares.

RC: A federação recentemente tem discutido uma proposta de estabilizar os preços do café em nível mundial. O senhor pode explicar melhor essa ideia?

RVV: Eu fui convidado para um discurso na Costa Rica há cerca de um mês e meio. Lá, havia representantes de vários países produtores de café, especialmente da América Central e América do Sul: Honduras, México, Costa Rica, Guatemala, Peru e Colômbia. E nós discutimos os problemas dos produtores com o atual nível de preços. Preços em torno de US\$ 1,15, US\$ 1,20 [a libra-peso]. Em países como Brasil e Colômbia, os produtores têm estado em vantagem por causa da desvalorização do real e do peso. Mas países como Honduras, Costa Rica, El Salvador ou Guatemala, Peru, onde a desvalorização não ocorreu, este patamar de preços é muito baixo para sobreviver, para produzir café. Então, nossa ideia, o que discutimos é tirar vantagem de alguns fóruns internacionais para falar com a indústria e ter certeza de que eles saibam que esses níveis de preços para produzir café em nossos países é quase impossível. Assim, todo mundo fala

em sustentabilidade. Vamos aos Estados Unidos, Europa, Japão e todos os consumidores em todo lugar e governos falam sobre sustentabilidade. E nós sabemos que a sustentabilidade tem três pilares: meio ambiente, social e econômico. Do lado do meio ambiente, todo mundo está muito entusiasmado, então torrefadores e consumidores estão nos dizendo sim, nós temos que proteger as árvores, a água, a natureza, e sim, eles estão corretos. Do lado social, também se preocupam com as associações, famílias, educação, mas ninguém se preocupa com o lado econômico, com a renda dos produtores. É impossível ter a verdadeira sustentabilidade quando você tem os produtores que não estão ganhando dinheiro. Então, neste contexto, nós devemos falar com a indústria que está seriamente preocupada com a sustentabilidade. E dizer para eles por que não olhamos este programa de sustentabilidade econômica? E foi essa a iniciativa.

RC: Mas, na prática, o que foi feito?

RVV: Nós acordamos em nos reunir novamente. Queremos falar com representantes do Brasil. O real pode se valorizar e os produtores brasileiros poderão sofrer novamente. E o mesmo acontecerá na Colômbia. Nós temos que olhar bem para o futuro, não só para o mês seguinte. Nós tentaremos fazer com que a indústria nos entenda que a este nível [de preços] cultivando café, não há mais negócio.

RC: A indústria pagaria mais quando o preço do café estiver baixo?

RVV: Sim, a indústria, se está mesmo preocupada com a sustentabilidade, tem de levar em conta este nível [de preços]. Até um ano atrás, estavam pagando US\$ 1,80 a US\$ 2,00 [por libra-peso]. Estavam sobrevivendo, fazendo dinheiro

e nós entendemos que toda a cadeia produtiva tem que estar saudável economicamente para sobreviver. Nós estamos contentes que os consumidores estão comprando mais café e todos estão felizes. A indústria está fazendo dinheiro, competindo com outras bebidas, promovendo novas ideias, novos formatos. Estamos também felizes que os *traders* também estão ganhando dinheiro. Têm que ir ao Brasil, Colômbia, América Central negociar arduamente, levar o café para a Europa, EUA, Japão. Eles têm que fazer dinheiro para se manter no negócio. Mas os produtores também precisam lucrar para que toda a cadeia seja saudável e continue forte, olhando para o futuro.

RC: Já houve algum tipo de iniciativa nesse sentido no passado?

RVV: Não é fácil. Os torrefadores estão sempre preocupados com seus competidores. Se eles pagam US\$ 1,80, e seus competidores pagam US\$ 1,20, então vão nos deixar fora do jogo. É daí que surge o problema. Mas, de novo, esta é uma iniciativa e a minha proposta é apenas abrir um diálogo para criar um entendimento.

RC: Em 2015, a renda dos produtores da Colômbia foi boa?

RVV: Nós temos uma grande produção, mas isso não quer dizer que os produtores estão felizes. Este ano [2015], em função do fenômeno [climático] *El Niño*, tivemos muitas perdas no lado da qualidade. Porém, estamos a ter uma produção maior, mas as cerejas não estavam bem formadas pela falta de chuvas. Então, esse café não pôde ser exportado e não passou pelo sensor de qualidade. Assim, o produtor teve custos mais altos. Eu posso dizer que os produtores não estão perdendo dinheiro, mas também não estão ganhando.

RC: Quanto foi menor a exportação diante desse problema?

RVV: Fizemos um levantamento em outubro. Nós chegamos à conclusão de que houve cerca de 8% de aumento de defeitos [nos grãos] e cerca de 400 mil hectares foram afetados de uma maneira ou de outra pelo *El Niño*. Calculamos que cerca de 200 mil a 300 mil sacas foram perdidas.

RC: Quanto da produção da Colômbia é exportada?

RVV: Noventa e cinco por cento é exportada e 5% fica na Colômbia.

RC: Sobre o clima, nós sabemos que fenômenos como o *El Niño* vêm afetando a produção de café em vários países. Como os produtores estão enfrentando esse desafio?

RVV: Não é fácil. Não há muito a fazer. Não dá para fazer chover. A única coisa que se pode fazer é rezar a Deus. Nós temos que saber que isso faz parte do aquecimento global, que afeta a todos frequentemente.

RC: Mas existem pesquisas com variedades mais resistentes à seca?

RVV: Essa é uma maneira de começar a pesquisar para produzir plantas mais resistentes

à falta de chuva. Mas não é fácil. Atualmente, as plantas que já estão cultivadas, não há nada a fazer.

RC: Como o senhor vê o futuro da produção de café na Colômbia?

RVV: Nós queremos aumentar a produtividade, que vai acompanhando o aumento da produção. O volume final que vamos chegar será de 15 milhões ou 16 milhões de sacas. Mas isso é a nossa meta. Temos que manter o replantio dos cafezais, tirando árvores velhas e renovando novas áreas com novas variedades. É nosso dever como federação propor isso aos produtores. Uma boa meta para a Colômbia será chegar aos 16 milhões de sacas [de produção].

RC: Quanto a Colômbia investiu nesses programas nos últimos anos?

RVV: Eu poderia dizer que ficou por volta de US\$ 10 milhões a US\$ 20 milhões os investimentos dos produtores e da federação e alguma parte também suportada pelo governo para replantar cerca de 500 mil hectares.

RC: Como está a sustentabilidade na produção de café na Colômbia? Muitos produtores são certificados?

RVV: A nossa ideia agora é ter cerca de 45% da área produtora atual de café com alguma certificação, como a Rainforest Alliance, UTZ etc. Nós acabamos de lançar um programa que se chama “100/100”. A federação em 2027 chegará aos 100 anos. E nosso objetivo é alcançar até essa data 100% da área de plantação de café da Colômbia com certo grau de sustentabilidade. Assim temos 12 anos de trabalho árduo para certificar de certa maneira e dar um nível de sustentabilidade para todos os produtores na Colômbia.

RC: Algo mais a destacar do trabalho da federação?

RVV: Vamos ver o que acontece em 2016. Estamos ansiosos pelo novo ano, com os inconvenientes que vão surgir com o *El Niño*. Esperamos que não haja muitos danos. Mas nós sabemos que em 2016 teremos um encontro na Etiópia, em Adis Abeba, com representantes da Organização Internacional do Café. Nós podemos falar com os países africanos, assim como o Brasil, dessa iniciativa de nos juntar e falar com a indústria sobre as ideias de sustentabilidade. E depois veremos o que acontece no final do ano. ☺

